

Citicorp prefere investir a emprestar

29/5/87

ECONOMIA • 17

ao Brasil

NOVA YORK — “Hoje em dia, ter uma participação financeira no Brasil é melhor do que conceder um empréstimo ao Banco Central”, afirmou ontem o Presidente do Citicorp, John Reed, ao explicar, em entrevista ao “Wall Street Journal”, que o maior credor bancário da América Latina, “nos próximos dois ou três anos”, adotará a estratégia de transformar em participações em atividades financeiras e produtivas uma parte significativa dos créditos superiores a US\$ 11 bilhões concedidos aos países do continente.

A entrevista confirma prognósticos que vinham sendo feitos nos últimos dez dias nos círculos especializados dos Estados Unidos, no sentido de que o Citicorp, principal instituição financeira privada americana, reduzirá substancialmente o volume de crédito a seus devedores do Terceiro Mundo, pois Reed decla-

rou explicitamente que o banco se dedicará ativamente à conversão, em dinheiro líquido, de muitos dos compromissos pendentes, transformando-os em investimentos diretos nos países devedores.

O Presidente do Citicorp rejeitou especulações da imprensa de que a decisão do Citibank de aumentar suas reservas para fazer frente a possíveis créditos incobráveis venha a dificultar as negociações sobre a dívida, e explicou:

— Se o Brasil se organizar e apresentar aos bancos uma proposta, não vejo qualquer motivo para que as negociações se processem amanhã em clima diferente do da semana passada.

Segundo Reed, devedores e credores ficarão em melhor situação se alcançarem acordos bancários mais saudáveis. Ele explicou que usava a palavra no sentido de maturação,

pois “um crédito de 20 anos não é um negócio bancário, já que nunca se poderá recuperar a liquidez sobre as carteiras da dívida” e acrescentou que considera tola a posição do México de não aceitar investimentos diretos de capital como parte do acordo para receber dinheiro novo.

Neste contexto de defesa da conversão da dívida em investimento de risco, Reed afirmou que “atualmente o investimento é algo muito melhor para o Brasil do que um empréstimo, pois este crédito estará sujeito a renegociações à vontade da parte que o concede”.

Contrariando análises recentes, Reed disse que o chamado Plano Baker, proposto pelo Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, não está morto, representando uma fórmula global para resolver a longo prazo o problema da dívida externa.